

30 ANOS DE CCRU

Há cerca de 30 anos, a Unidade de Pesquisa da Cultura Cibernética¹ (CCRU) iniciou seu percurso “*retrocronicamente*”: tomou Sadie Plant como tela, alimentou-se de estudantes de graduação e acadêmicos disfuncionais (como Nick Land) e materializou-se na Universidade de Warwick, pelo menos por certo tempo. Isso é o que diz um comunicado escrito pela própria Unidade em 1997, em uma entrevista concedida ao jornalista e crítico musical Simon Reynolds. A definição do autor não poderia ser mais precisa sobre os principais caminhos que a unidade percorreu: “teoria mesclada à ficção, filosofia contaminada pelas ciências naturais (neurologia, bacteriologia, termodinâmica, metalurgia, caos e teoria da complexidade, conexionismo), uma escrita acadêmica que aspira à intensidade do choque futurista do jungle e de outras formas de música pós-rave”².

Como apontado por um de seus membros e talvez um dos teóricos mais conhecidos da unidade, o britânico Mark Fisher, as décadas de 1960 e 1970 foram tomadas por contraculturas, tentativas de manejo da utopia, crises do sujeito e, especialmente, pela esmagadora tentativa de concretizar uma nova operacionalidade do regime capitalista — o neoliberalismo implementado por Margaret Thatcher e, posteriormente, por Ronald Reagan. É na década de 1990 que

¹ Tradução livre, no original *Cybernetic Culture Research Unit*.

² Ver: <https://reynoldsretro.blogspot.com/2014/04/renegade-academia-ccru.html>

o desfecho desse turbulento século pareceu encontrar-se face a face com uma *efervescência* sem igual. Para além das ondas hippie, do feroz *punk* e da epidemia de HIV nos anos 1980, a CCRU definiu e antecipou, de forma muito singular, o que esse novo século apresentaria ao mundo.

Não foi uma revolução política ou social que chegou, mas uma verdadeira revolução *total*. Foi ali, naquele breve intervalo de ousadia teórica e participação intensa, que estudantes, professores, artistas e para-acadêmicos observaram a intensificação dos processos descritos como globalização, a explosão da rede mundial de computadores, a transformação cotidiana e rotineira com os aparelhos digitais e uma iminente virtualidade, o *grunge* como despedida do rock and roll, a clonagem e outros velozes saltos.

Desde então, a CCRU demonstrou influência direta e indireta, consciente ou inconsciente, em pelo menos alguns outros importantes processos de transformação. Alguns trabalhos já investigam a presença e o impacto de certos conceitos originados na unidade por toda a websfera e a plataformização das redes. Conceitos como *theory-fiction* (teoria-ficção) e hiperstição também retornam, quase como se fossem reencontrados em criptas virtuais, renovando constantemente o interesse pela Unidade e por essa curiosa história dos acontecimentos em Warwick. Mesmo que parte desse interesse tenha sido revivido pela descrição posterior do filósofo Benjamin Noys acerca do conceito de aceleracionismo, os frutos da CCRU transcendem completamente qualquer tentativa de reescrita ou vetorização do que a Unidade sempre pretendeu ser. Seu berço assumidamente feminista — especialmente nos primeiros anos sob a condução da ciberfeminista Sadie Plant — e sua prolífica relação com os

eventos *afrofutures*, com o teórico musical Kodwo Eshun, já evidenciavam que a Unidade nutria sua natureza em uma condição underground, subalternizada, mais interessada em linhas de fuga, rotas paralelas e fragmentação do que em qualquer tentativa de aquisição de poder ou agendas políticas formais.

É inspirada por essa natureza comprometida com vozes desgarradas, corpos dissidentes e a assunção real da não humanidade que o presente número de *Das Questões* aborda esse assombroso pequeno pedaço da filosofia contemporânea, traçando suas principais sementes, impactos e, especialmente, sua relevância no momento atual. O número está bastante diversificado, para além de artigos, conta com colagens artísticas digitais, conto, resenha, ensaios, traduções e constelação.

Ao invés de cadenciar os textos e artes deste número por meio de uma tipologia acadêmica ou de periódico, optamos por um caminho com encruzilhadas, onde a CCRU é a força m(a)otriz. Embora a plataforma se encarregue de ordenar conforme seções pré-estabelecidas, deixamos um vestígio da passagem, num arquivo único. Por isso, abrimos este número com uma profecia hipersticiosa, na colagem *Da Submersão à Subversão*, das artistas plásticas Larissa Brandão e Savi, de que na história das navegações europeias havia o grande obstáculo do Cabo do Bojador e a certeza de que, mesmo o enfrentando, tudo um dia voltaria para o Mar Tenebroso de Bubbamu e Ypupîara.

Nessa pegada mar-ginal, e antes de darmos enfoque propriamente à CCRU, enveredamos no risco do desconhecido, naquelas obras que se apoderaram da CCRU ou de algum de seus desdobramentos, como o aceleracionismo, de

tal maneira que criam conceitos, ou projetos políticos ou ainda teorizam de forma ficcional e potente.

Assim, abrimos a seleção de textos com *K-Mangue*, de Sofia Celeste, um trabalho que se orienta pelos ritmos e tonalidades do mangue brasileiro e por certo *devir do homem-caranguejo*. Como uma antropofagia, o texto funde aceleracionismo e o imaginário do contexto cultural nordestino, concentrando densamente tanto a cena *manguebeat*, a geologia, a teoria-ficção e as contaminações entre lama, inumanidade e a capacidade dispersiva e decompositora do *caranguejoceno*.

Em *Hiperstições Para Além Do Afropessimismo: O Fim Do Negro E A Tecnodiversidade Afrofuturista*, de Luan Henrique Menezes Maciel, percebemos uma recuperação de uma vertente da CCRU que, em comparação a outras mais difundidas, recebeu pouca atenção, sobretudo no que diz respeito às discussões raciais. Nesse sentido, o texto resgata autores e núcleos conceituais que começam apenas recentemente a ganhar visibilidade no Brasil, como o caso do pensamento de Eshun. Articulando as heranças do aceleracionismo e do afrofuturismo, em especial quando tensionadas com novidades, como por exemplo, a filosofia de Yuk Hui, o autor propõe novas interpretações que colocam o legado da CCRU sob outros prismas.

Xenofilia Roja: Complicidad con Futuros Anómalos, de Ernesto Manuel Román, de Daniel Adrián Bergamaschi e Lucía Candela Guerrieri propõe um gesto de abertura radical ao desconhecido. Combinando marxismo, pós-humanismo e ficção científica, o ensaio imagina um comunismo movido não pela identidade, mas pelo desejo de alteridade. O texto revisita tradições heterodoxas — do posadismo à crítica cultural — para

pensar uma política da diferença e do contato com o estranho. Nesse cruzamento entre teoria e imaginação, emerge uma visão de futuro que recupera o impulso utópico e especulativo da esquerda, reivindicando o poder emancipatório da ficção.

Os dois conclusivos textos desta seção apresentam uma gama bastante ampla de rotas potenciais e ligações teóricas de enorme valor para nossos debates. Em *Karmanetics: When Buddhist Cosmology and Cybernetic Culture Research Unite*, Milan Kroulik realiza um gesto radical de unificar princípios budistas e cibernéticas – originando então a ideia de *karmanética*, uma ontologia capaz de observar o karma como princípio cibernético de *feedback* e processamento de informação. Largamente influenciado por estudos da decolonialidade e do movimento da "virada ontológica" é um trabalho que dialoga diretamente com os esforços de conceber a originalidade da CCRU sem perder de vista as limitações possivelmente eurocêtricas da Unidade.

Esse esforço de combinar tanto uma leitura crítica como em enxergar potenciais mirabolantes também se mostra presente no texto de Henrique Roncada, *Accelerationism and degrowth - from a comparative reading on technological development to Fully Automated Green Communism*, tarefa nada fácil visto que o texto se debruça justamente sobre dois aparentes *nêmesis*: o aceleracionismo, essa elegia ao desenvolvimento tecnológico e aos fluxos desterritorializantes, e a corrente do *decrescimento*, linha de pensamento mais alinhada às discussões da ecologia e que propõe uma deliberada e radical redução na produção e no consumo para se pensar as novas bases do mundo. Com uma das sínteses mais criativas e ambiciosas dos trabalhos, o texto de Roncada é sem sombra de dúvidas um dos convites mais charmosos para se

superar tanto as falsas dicotomias que rondam essas discussões (uma tecnofilia *versus* uma tecnofobia), como também para imaginar novas margens teóricas para um campo tão associado com certa fervorosa e cega fé na técnica.

Anunciando um novo mergulho, através da arte de Savi e Larissa Brandão, embrenhamos no abismo, passando entre traduções e textos com hiperfoco na CCRU e ficções ccrunianas.

A tradução do texto da CCRU *Guerra Temporal Lemuriana*, por Matheus Henrique da Mota Ferreira, apresenta ao público de língua portuguesa um dos textos mais emblemáticos e desafiadores da CCRU. O trabalho de tradução equilibra fidelidade conceitual e sensibilidade poética, preservando o caráter experimental da escrita original. Ao tornar acessível esse material raro e influente, a tradução abre caminho para novas leituras da teoria-ficção e das formas de pensamento especulativo que redefiniram o imaginário filosófico e cultural do final dos anos 1990.

Em *Por trás da máscara de Kant: Decifrando o episódio de Templeton*, Nicolau Henrique Batista explora o “Episódio de Templeton”, um dos contos da CCRU, traçando um paralelo com o transcendental kantiano e a entidade lovecraftiana de Yog-Sothoth, e por meio dos teóricos Anna Greenspan e Nick Land.

No famoso blog da CCRU, a seção “*swarm1*” parece integrar essa futurologia mais visceral e comprometida com uma observação crítica à modernidade. O texto de Rohit Lekhi, *Loop do futuro/Tumulto preto*, traduzido por Pedro Mentor, antecipa o que talvez os *afropessimistas* contemporâneos ali na década de 1990 e em seus trabalhos nas décadas posteriores

iriam perceber: a condição de recusa ontológica que a negritude enverga em um mundo onde sua história material é povoada por fantasmas. Lekhi não poupa esforços em misturar o ritmo dinâmico de imagens visuais e fluxo ininterrupto para se pensar esses *loopings*, as temporalidades desraigadas de negros e negras e reafirma a orientação incontornável que essa Unidade o teve em sua efervescência crítica e antirracista daquele momento.

Robopets, de Lara Ovídio, apresenta-se como um exercício de teoria-ficção, no qual se articulam reflexões sobre sexualidade, a história do dildo e a inteligência artificial. Essa combinação resulta em uma narrativa especulativa que explora como a tecnologia pode reconfigurar a compreensão da sexualidade, sobretudo a partir de uma perspectiva feminina. A escolha de uma protagonista mulher é significativa, pois confere ao trabalho não apenas um enfoque situado, mas também uma potência crítica diante das formas tradicionais de narrar a tecnologia e o desejo. A proposta revela inventividade e ousadia, ao conjugar elementos heterogêneos — teoria, ficção e crítica cultural — em uma escrita que busca expandir o imaginário em torno das relações entre corpo e técnica. No que tange a especulação futurista, a força do texto reside talvez no limiar entre a distopia e a utopia a partir das maneiras como o sexo, o controle humano e tecnológico e os limites da moralidade são “derretidos” em buscas de maneiras de expressar o prazer.

Mercados na periferia trata-se de uma tradução, feita por Damares Bastos, de uma das análises advindas da CCRU, disponível em seu blogue online. Apresentando a diferença entre mercados no capitalismo e na periferia, também traz observações interessantes sobre como o primeiro

substitui e marginaliza o segundo, e como populações periféricas são tratadas em locais como shoppings, permitindo, inclusive, relações de análise com os *rolezinhos*, eventos organizados por jovens periféricos e que se tornou casos de discriminação, envolvendo confrontos com seguranças dos shoppings e a polícia.

Saindo do mergulho profundo, mas ainda nas profundezas, a arte de Savi e Larissa Brandão nos puxa para outro passeio, por obras focadas nas pegadas deixadas pela CCRU, trazendo reflexões a análises políticas.

Poemêmeno: Forma como tecnologia oculta trata-se de uma tradução, feita por Alvaro Luiz Ramos Cordeiro, do texto de Amy Ireland, que faz parte do coletivo Laboria Cuboniks, conhecido pelo “Manifesto Xenofeminista” (2014). Nesse texto, Ireland mostra a espiralomancia, do poeta Yeats, e o sistema de crenças árabe Judwalis derivado dos ensinamentos de Kusta ben Luca, como inspiração para a CCRU e Nick Land de conceitos como hiperstição, sua mitologia e forma divinatória temporal e a corrente aceleracionista.

Em *Ignição, contágio e aceleração: Hiperstições como bombas semióticas*, de Rodrigo Fernandez, Nísia Martins do Rosário e Fabrício Silveira, há uma abordagem do conceito de hiperstição, e sua reverberação no aceleracionismo, a partir dos âmbitos da comunicação e mídia, e propondo que tal conceito pode ser visto como potentes “explosões semióticas” e suas implicações práticas.

Punta-tacco: notas sobre aceleracionismo brasileiro (petismo), de Lucas Surjus, é guiado por duas reflexões após a certa “recepção” dos debates aceleracionistas no Brasil, se perguntando por que Mark Fisher é editorialmente mais

popular que Nick Land e por que aceleracionismo é (tão) popular no Brasil. São duas questões motoras e que orientam uma excitante investigação tanto em torno de certa história conceitual, como também a enorme originalidade de se analisar aceleracionismo sob a luz de uma forte corrente do pensamento brasileiro. Com os “*uspianos*” e seu time de peso – de Roberto Schwarz a Paulo Arantes – Surjus tece uma teologia política um tanto inusual para as análises prévias da aceleração no Brasil, posicionando tanto o passado xamanista e modernista de episódios da nossa história cultural até uma contemporânea discussão do lugar do Brasil no mundo, seu espírito de periferização e essa também interessante história do maior partido político da América Latina.

Outros dois textos fornecem uma articulação de conceitos da CCRU sob a luz um pouco das ciências sociais e em especial de uma análise que contrasta a política e as últimas décadas com sua originalidade teórica. Em *Aceleração e a dupla temporalidade do Capital: Notas sobre a produção de futuros*, Lázaro Vasconcelos, Marcel Alentejo e Guilherme Henrique articulam uma interessante discussão em torno dessa “aceleração social”, sintetizando certas análises de distintas visões temporais em torno do que se apresenta como esse ritmo de eixo único que estamos seguindo. Pensando tanto seus antagonismos (como o primitivismo) como uma elaboração de registros de diferentes modalidades dessa aceleração social, o texto fornece uma interessante ferramenta analítica para se compreender como essa certa dose “abstrata” das teorias ganha enorme envergadura nos simulacros do *Real*.

O artigo de Felipe Fortes e Émerson Pirola *A crise hipersticional do pensamento de esquerda: da hiperstição negativa à imaginação instituinte, por uma micropolítica*

menor, resgata o conceito de hiperstição da CCRU e o lança em uma complexa e profunda análise sobre a política de esquerda das últimas décadas. Talvez um dos grandes dilemas e “fantasmas” que ressoam para os não conhecedores da Unidade seja essa associação quase que imediata que alguns tecem em torno do universo de autores e de suas reflexões com um campo de direita ou de “apologia ao capitalismo”. O trabalho de Fortes e Pirola emerge como uma importante análise da imobilidade do pensamento de esquerda fazendo uso de conceitos da própria Unidade e reorienta uma fabulação crítica e mitopolítica para novas naturezas e fins. É o tipo de texto que novamente recupera tanto os potenciais da aceleração e dessa construção de imaginários e tempos, sem se prender unicamente a essa egrégora imaginária que o Capital em sua desgastada fase recente caminha.

Em *“É difícil estudar um autor com o qual não concordamos”*: resenha de *O exterminador do futuro*, de Fabrício Silveira, Tiago Segabinazzi realiza uma exposição didática a maneira como Silveira esmiúça o pensamento de Nick Land, apontando desde a CCRU à figura da extrema-direita nrx. Trata-se, sobretudo, de um trabalho de acessibilidade acadêmica, que cumpre um papel relevante de mediação entre a obra resenhada e potenciais novos leitores de um dos filósofos mais importantes da CCRU.

Perdidos na imensidão da selva oceânica, nos deparamos com a colagem *Cyberdoom*, de Larissa Brandão e Savi, e fechamos esse número com obras que transitam teorizações, traduções e ensaios que focam figuras da CCRU, como Land, Fisher e Plant.

Entre o poema e o aforismo, *Suicídio Ontológico* propõe uma meditação condensada sobre a história da

metafísica. A escrita, ao mesmo tempo filosófica e poética, recupera uma linguagem de intensidade heideggeriana atravessada por ressonâncias aceleracionistas. O texto performa a própria tensão entre conceito e colapso, pensamento e máquina, em um exercício que evoca a inventividade da CCRU. Trata-se de uma composição que pensa o fim — e a transmutação — do humano por meio de uma forma estética que se aproxima tanto da teoria quanto da ficção.

Xenobudismo começa com xeno, de autoria desconhecida e proveniente do blogue Xenobuddhism, trata-se de uma tradução feita por Luan Marcel Netto. O texto aborda o termo xenobudismo, de Nick Land, que carrega um caráter alienígena (xeno), também o conceito de vacuidade do budismo e um aspecto hipersticioso, proveniente da CCRU, além de paralelos com o xenomorfo e a xenobiologia, da franquia Alien.

Dissolver para sobreviver: hiperstição enquanto tecnologia discursiva, de Vinícius Oliveira de Melo investiga a hiperstição como um modo de operação conceitual e estratégica na obra de Nick Land. A análise mostra como a figura do filósofo se constrói entre o dentro e o fora da academia, explorando a tensão entre performance e pensamento. Ao desvendar o caráter discursivo da hiperstição, o texto convida à reflexão sobre o poder das narrativas na criação de realidades e identidades filosóficas. Trata-se de uma leitura que desloca a teoria para o campo das tecnologias da escrita, evidenciando as formas pelas quais o pensamento se autoproduz como mito e discurso.

Princípios e definições do materialismo Gótico: desembarcando no Flatline Constructs (1999) de Mark Fisher como ficção-teoria da crueldade, de João Victor Silva Borges e

Rodrigo Zagonel Mickus consiste em uma análise extensa da tese de doutoramento de Mark Fisher. A partir das noções de materialismo gótico e teoria-ficção cibernética, o texto explora como Fisher transforma a crítica cultural em experiência teórica. A análise recupera a intensidade e a imaginação conceitual de *Flatline Constructs*, permitindo compreender de que modo o autor de *Capitalist Realism* já delineava, em sua escrita acadêmica inicial, um pensamento voltado para a crueldade inerente às máquinas do desejo e da cultura.

Desejo Maquínico trata-se de uma tradução, feita pelo coletivo Núcleo de Estudos Esquizocibernéticos, de um dos textos de Nick Land, publicado na coletânea “Fanged Noumena”. Apesar de ter sido escrito antes da criação da CCRU, ou talvez até durante sua maturação, é inegável sua inspiração para a unidade, inclusive para Mark Fisher. O texto transita a obra de Deleuze e Guattari, “O Anti-Édipo”, a relação entre o âmbito cibernético, o gênero de ficção-científica e o reconhecimento de um caráter ciborgue das máquinas-desejantes em face do sistema de segurança que vigia, controla, humaniza e/ou aniquila tudo aquilo que (tenta) escapa(r).

Em *Encarando o ciclone: Nick Land e a perspectiva do Tecnocapital (=IA)*, de Clarice Pelotas Rios Arraes Aguiar, o pensamento de Nick Land e da CCRU são vistos a partir de campos aparentemente inconciliáveis, da cosmopolítica, do xamanismo e do perspectivismo de Eduardo Viveiros de Castro.

Fechando este número, há a tradução de Damares Bastos de uma entrevista de Plant à Nat Muller para a revista *Fringecore*, organizada por Dee, *Pós-ciberfenismo? Nat Muller encontra Sadie Plant*. Realizada um ano após a saída de Plant e que apresenta as dificuldades da criação da CCRU na academia e alguns dos projetos dos estudantes envolvidos, além de

outros assuntos, e que configura uma parte interessante sobre a CCRU e o pensamento de Plant, fundadora desta unidade e que (quase) sempre é esquecida. E uma página interativa, que imita a página focada no projeto SYZGY, que consta tanto na página da CCRU³ quanto do coletivo O(rphan)d(rift>)⁴, dada a colaboração entre ambas. O projeto contava com instalação, workshop e performances, realizado de 26 de fevereiro à 28 de março de 1999, tratando-se da criação de um sistema de calendário divinatório e cibernético - que é a imagem mais conhecida da CCRU, inclusive. Esta página interativa possui links que levam a leitora para sites, vídeos, informações e áudios do projeto. Disponibilizamos também um documento integral, com os textos em ordem, devido a separação por categorias que há na plataforma de periódicos.

Esperamos que esse número não apenas registre a memória dessas três décadas, mas também possa inspirar grupos de pesquisa, estudantes, pós-graduandos e professores a se lançarem neste potente imaginário teórico e novas ferramentas da produção de pensamento crítico. É com enorme satisfação que a *Das Questões* convida novas hiperstições, desejos e mundos *porvir*.

Carlos Henrique Carvalho Souza

Damare Bastos Pinheiro

Pedro Farias Mentor

³ Ver: <http://www.ccru.net/syzygy.htm>

⁴ Ver: <https://www.orphandrifarchive.com/becoming-cyberpositive/syzygy/syzygy2/>